

'O mundo árabe não é MONOLÍTICO'

É mulher, é muçulmana, é marroquina. E contraria os estereótipos. Karima Benyaich é Embaixadora do Reino de Marrocos em Portugal, onde promove a cooperação entre os dois países. Está a ser bem-sucedida: em Marrocos já estão 200 empresas portuguesas. Nos tempos livres, luta pelos direitos das mulheres e das crianças, presidindo a várias ONG

Texto de Rita Silva Freire Fotografias de Miguel Silva

É a organizadora do Festival Voz de Mulheres em Tetuão, que decorre a 6 e 7 de Julho. A ideia de criar o festival foi sua?

Não. Pediram-me que presidisse à Associação Vozes de Mulheres. Aceitei porque gosto de me envolver no desenvolvimento do meu país. A cultura é um vector de desenvolvimento e contribui para a aproximação dos povos. Quis ajudar a valorizar o património cultural de Tetuão e dar valor à mulher.

Esse é um dos objectivos do Festival?

O festival tem três objectivos: cultural, económico e social. Queremos valorizar o património cultural de Tetuão, contribuir para o seu desenvolvimento, tanto económico como turístico. E queremos valorizar o papel da mulher, ajudar as associações de mulheres e as cooperativas da região. Organizamos uma iniciativa de saúde para todos, em colaboração com uma associação de médicos de Rabat. Oferecemos 48 horas de

serviços de saúde, com diferentes especialidades, para mais de mil mulheres e crianças.

A questão da mulher é importante para si?

Para mim e para todos. É uma vontade política. É a mulher que preserva o património cultural, material e imaterial. É a mãe, a filha, a irmã. Sofreu durante séculos, em Marrocos e em todo o mundo. Em Marrocos, desde a independência que se atribui à mulher um lugar na sociedade, que tem os mesmos direitos que o homem. Mohammed V, depois da independência, deu direitos às mulheres: à educação, à saúde, à função pública. A sua filha foi, em 1958, a primeira mulher no mundo árabe e muçulmana a ser embaixadora em Londres. A primeira

grande universidade marroquina, a nível Internacional, foi criada, em Fez, por uma mulher. O Rei Hassan II também conseguiu mais direitos para a mulher. No reinado de Mohammed VI, a mulher tem mais direitos, está representada em mais lugares. Marrocos tem conselheiras reais, ministras, deputadas. Há mais de 5 mil mulheres a chefiar empresas. Há um mês elegeram uma mulher para presidir à Confederação Geral de Empresas de Marrocos. É a primeira vez que isso acontece no nosso continente e nos países árabes e muçulmanos.

Não se pode falar de democracia ou de direitos humanos pondo de parte 50% da população

Sua Majestade, o Rei, não se pode falar de democracia ou de direitos humanos pondo de parte 50% da nossa população. Mas não basta mudar as leis, é preciso mudar mentalidades. Como fazê-lo?

Em 2005, o Rei, lançou a Iniciativa Nacional para o Desenvolvimento Humano, uma política para combater as desigualdades e a exclusão. Como no resto do mundo, entre os mais excluídos estão as mulheres, as crianças e os inválidos. É um grande projecto nacional, já com resultados significativos. É uma política participativa e não de caridade, as pessoas apropriam-se

dos projectos. E as mulheres têm tido um papel importante. Criaram associações, estão envolvidas. Mudar mentalidades é um processo lento mas a sociedade civil tem desempenhado um grande papel. Há ONG presididas por mulheres, rurais e urbanas, em que as mulheres se envolvem, rompem estereótipos e avançaram. Sempre apoiadas por uma política voluntarista Real e dos governos.

O Rei Mohammed VI mudou as leis da família...

Em 2004 criou-se o Código da Família, lançou-o Sua Majestade. Agora os homens e as mulheres são co-responsáveis perante a família. Isso mudou a sociedade, antes estávamos sob a tutela do homem: pai, marido, filho. Foi um grande passo em direcção ao desenvolvimento dos direitos da mulher. A nova Constituição refere a paridade do homem e da mulher perante a lei. E passamos

Antes estávamos sob a tutela do homem: pai, marido, filho. Agora mulheres e homens são co-responsáveis

de 30 mulheres deputadas para 67. Muitas câmaras são presididas por mulheres, como a de Marraquexe. Tudo pede tempo. Temos tido uma evolução progressiva. Mudam-se as leis, a cultura leva mais tempo.

Ainda há muito por fazer...
Há um longo caminho por percorrer. A mulher, como em todo o mundo, continua a sofrer discriminação. Mas Marrocos está sempre presente nos encontros internacionais de direitos humanos e da mulher. ▶



Ratificámos todas as convenções internacionais e em 2008 anulámos as reservas a nível da Comissão Internacional Sobre a Eliminação das Formas de Discriminação Contra a mulher. **A senhora embaixadora é mulher, marroquina, muçulmana e tem um cargo de topo. Como foi o seu percurso?**

Nasci em Tetuão, em 1961, fui viver com a minha família para Rabat. Tirei o bacharelato em Marrocos, passei um ano em Paris e fui estudar em Montreal, onde fiz um mestrado em Finanças e Comércio Internacional. Quando voltei comecei a trabalhar no Ministério de Assuntos Exteriores, num departamento para as relações com a União Europeia. Continuei o meu trabalho nas relações com Espanha e América Latina. Até que cheguei a directora da Cooperação Cultural e Científica. Depois nomearam-me embaixadora em Portugal. E tenho-me dedicado sempre a ONG. Presido em Rabat a uma ONG para a defesa dos direitos das crianças, com centros de crianças abandonadas e creches em bairros desfavorecidos, que ajudam as mulheres, facilitando o trabalho fora de casa. **É próxima da Casa Real.**

Sou uma diplomata ao serviço do meu país. **Mas o seu pai era médico do Rei.**

Era médico pessoal de Sua Majestade, o Rei Hassan II. Foi assassinado no Golpe de Estado de 1971. Aboliu-se o Partido Único, o que criou, numa parte das Forças Armadas, a vontade de querer um país com uma ditadura militar. Tinha dez anos. Na sequência disso, eu e os meus irmãos estudámos com os príncipes no Colégio Real. Educaram-nos com valores de respeito, abertura e tolerância, face ao outro e às outras culturas.

Por que decidiu estudar no Canadá?

Queria descobrir outros mundos, ter a experiência de viver no estrangeiro. Conhecer outros países e culturas dá-nos abertura. É importante ver que somos todos iguais, cada um com a sua identidade e a sua cultura. E que podemos viver em convivência muito bem.

É religiosa?

Sou muçulmana, como muitos marroquinos – não todos, temos uma grande comunidade judaica.

Tem filhos?

Dois filhas, uma de 30, outra de 18, que vive aqui há três anos.



Seguem as suas pisadas?

Desde pequenas que me têm acompanhado nas minhas actividades e no meu trabalho. A minha mãe também me educou assim. Presidia a ONG em Marrocos que trabalhavam com crianças abandonadas e educou-nos com valores de partilha e solidariedade. Tentei transmiti-los às minhas filhas.

Quantos irmãos tem?

Tres. Um irmão e duas irmãs. Somos uma família muito unida.

Como foi a sua infância?

Muito carinhosa. Era uma família muito unida, havia muito afecto. E tanto o meu pai como a minha mãe nos inculcaram valores de solidariedade, ajuda e partilha. A nossa casa era aberta. Toda a gente entrava e saía.

O trabalho era um valor inculcado?

Sim. A minha mãe sempre nos aconselhou – raparigas e rapaz, tivemos a mesma educação – a estudar para tra-

balhar e contribuir para o desenvolvimento do país. É o objectivo que temos. **Depois de o seu pai morrer, frequentou o Colégio Real. Continuou a viver com a sua mãe?**

Sim. Havia um colégio interno para os rapazes a partir dos 13 anos mas as raparigas começavam às 7h e saíam às 20h. Era muito exigente. E tínhamos actividades ao fim-de-semana: de desporto, escutismo. Era um Colégio Real mas havia alunos de diferentes níveis sociais, tanto a filha de um ministro como a de um carpinteiro. Éramos todos tratados da mesma forma.

Depois foi para o Canadá, onde estudou Economia. Como foi?

Sou curiosa, gosto de me adaptar às situações. Já tinha estado nos EUA. Mas o Quebeque tem influência americana e europeia. Estava entre dois continentes.

O que a surpreendeu?

No Mediterrâneo a família é muito importante. Na América do Norte é diferen-

te. Os jovens tornam-se independentes muito novos, procuram bolsas de estudo. **Diz ter uma família unida. É difícil viver longe?**

Chegar a Portugal foi difícil. Apesar da proximidade, o pouco tempo não permite ir e vir como desejaria. Mas tinha comigo a minha filha, fiz amizades. Tenho saudades, mas é mais fácil com as novas tecnologias: skype, telefone, internet. Mantenho um contacto próximo.

Como é um dia típico seu aqui?

Trabalho de manhã à noite. Levanto-me, vou para a embaixada, tenho encontros, visitas a universidades e empresas, eventos culturais. À noite há jantares, cocktails... Tem que se es-

tar presente. Gosto do que faço, é um prazer. Não o tomo como trabalho. É uma forma de viver. Trabalhar é a minha paixão.

Qual tem sido o foco do seu trabalho?

Marrocos e Portugal sempre tiveram relações políticas excelentes. Em 1774 assinou-se o Tratado de Paz e, desde aí, têm-se reforçado as relações. Em 1957 fomos o primeiro país árabe a abrir uma embaixada em Portugal, em 1994 assinou-se o Tratado de Amizade, Boa Vizinhança e Cooperação com Portugal. A partir daí foram-se organizando cimeiras entre os primeiros-ministros dos dois países. Temos uma óptima cooperação política. Mas é preciso impulsionar um melhor conhecimento entre a sociedade civil marroquina e a portuguesa.

Como?

Em quatro anos passámos de quatro para 33 voos semanais entre Portugal e Marrocos. É preciso organizar actividades culturais e o turismo desempenha um papel importante, tal como a cooperação universitária entre os dois países. A Universidade Mohammed V tem uma licenciatura em Língua Portuguesa e aqui também se dão aulas de árabe. Os acordos de geminação são também muito importantes.

E a cooperação económica?

Hoje há quase 200 empresas portuguesas a trabalhar em Marrocos, como a Almorim e a Tecnovía. Portugal tem um grande *know-how* em construção, auto-estradas, energias renováveis e Marrocos tem um grande plano de desenvolvimento.

Há várias empresas portuguesas a trabalhar nessas áreas. Temos uma taxa de 5% de crescimento ao ano.

Está a crescer muito rápido...

Muito. A nível da habitação social constroem-se, por ano, 100 mil casas. É uma vontade política no que toca

aos direitos humanos: cada pessoa tem que beneficiar de uma habitação digna. Lançámos um projecto para um comboio de alta velocidade entre Casablanca e Tanger. Na agricultura também há empresas portuguesas em Marrocos, bem como na indústria farmacêutica. E Marrocos é uma plataforma para o desenvolvimento da cooperação Sul-Sul. As empresas marroquinas estão nos países subsarianos, sobretudo nas infra-estruturas, electricidade, água. Somos o segundo investidor em África depois da África do Sul. É uma plataforma para as empresas portuguesas trabalharem com outros mercados, em parceria com Marrocos.

Há dois anos deu-se a Primavera Árabe. Como foi ver o que se estava a passar?

O mundo árabe não é um mundo monolítico. Cada país tem as suas próprias especificidades, a sua própria história, a sua própria identidade. O processo de Marrocos foi totalmente diferente dos outros países. Temos uma monarquia há séculos, estamos na quinta revisão da nossa Constituição, abolimos o Partido Unido, chegámos a Constituição de 2011, adoptada unanimemente pelo povo marroquino, há uma grande tradição de partidos políticos. E a sociedade civil sempre teve um papel importante, temos mais de 90 mil ONG em Marrocos a trabalhar em várias áreas: direitos humanos e das mulheres, ambiente, educação. Há que melhorar. Temos uma [elevada] taxa de pobreza que estamos a combater, temos desafios. Mas o nosso país tem o seu próprio percurso, com grandes reformas religiosas e políticas, que se têm levado a cabo progressivamente.

O turismo baixou nos últimos dois anos?

A princípio houve repercussões porque o Ocidente, em geral, vê todo o mundo árabe muçulmano da mesma forma. Mas cada país tem a sua história e as suas especificidades. E não se pode esquecer que estamos na porta da Europa. E agora os resultados são positivos. A nossa política é a de identificar os problemas e criar planos para responder a esses mesmos problemas. •

rita.s.fraire@sol.pt

O Ocidente vê o mundo árabe muçulmano da mesma forma. Mas cada país tem as suas especificidades. É preciso impulsionar o conhecimento entre a sociedade civil portuguesa e a marroquina